

Secretaria de Estado da Educação - SEED  
Superintendência da Educação - SUED  
Diretoria de Políticas e Programas Educacionais – DPPE

**Hipertexto - ferramenta pedagógica na leitura interativa**

Professor PDE: Laura Lopes de Paiva  
Área: Português

Maringá – PR  
Dezembro 2008

Secretaria de Estado da Educação - SEED  
Superintendência da Educação - SUED  
Diretoria de Políticas e Programas Educacionais – DPPE

**Hipertexto - ferramenta pedagógica na leitura interativa**

Trabalho Final - Artigo apresentado à Secretaria de Estado da Educação – SEED como parte dos requisitos para a conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE.

Orientadora IES: Professora Annie Rose dos Santos

Maringá – PR  
Dezembro 2008

# AGRADEÇO

A Deus, pelo amor infinito e inexplicável que se fez presente em todos os momentos desta trajetória;

À SEED, por nos confiar a participar do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE;

À admirável professora e orientadora Annie Rose dos Santos, pela orientação e acompanhamento no desenvolver deste programa educacional;

À direção escolar e toda equipe pedagógica do Colégio Estadual Marco Antonio Pimenta, por acreditar na proposta de implementação sugerida neste estudo e nos confiar desenvolvê-la;

Aos alunos do ensino médio do Colégio Estadual Marco Antonio Pimenta, razão maior deste estudo desafiador;

À professora Jarlene Batista Pereira Oliveira, singela tradutora, pela amizade e prontidão neste estudo;

À professora Inesa Nahomi Matsuzawa, pela amizade, cumplicidade e prontidão no decorrer deste curso;

Aos amigos, pelo afeto e compreensão;

Ao Carlito Colato, pela fraterna amizade, presença solidária sempre presente;

A minha família, pela força, coragem, e apoio nos momentos de dificuldades, levando-me a buscar mais conhecimento.

# DEDICO

A educação, por acreditar que ela é a base da formação do ser humano integral;

Aos meus alunos, pelo entusiasmo, pela interação com as novas tecnologias da comunicação, partilha e solidariedade neste estudo.

“Que darei eu ao Senhor, por todos os benefícios  
que me tem feito?”  
(Salmo 116;12)

## Sumário

Resumo.....	vii
Abstract.....	viii
Introdução.....	9
Uso das novas tecnologias da informação e comunicação.....	10
Gêneros textuais procedentes das novas tecnologias.....	16
O hipertexto, o texto e a leitura.....	18
Leitura - hiperleitura.....	25
Produção Didático-Pedagógica.....	27
Implementação na escola.....	31
Resultados obtidos.....	36
Pontos negativos que dificultam o processo ensino-aprendizagem.....	37
Conclusão.....	40
Referências.....	41

## Introdução

As reflexões que nos levam a escrever este artigo resultam de nossa experiência como professora de Língua Portuguesa e Literaturas, dos estudos realizados no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE somados aos recursos tecnológicos disponíveis em nossas escolas, em especial o tema de estudo da intervenção desenvolvido no Plano de Trabalho intitulado “Novas tecnologias – o hipertexto na leitura interativa”. Nosso objetivo foi criar situações que permitissem aos alunos desenvolver as diferentes capacidades envolvidas no ato de ler, levando-os à prática da sócio-interação mediante o uso de ferramentas tecnológicas no ciberespaço de uma maneira dinâmica, capacitando-os a gerar mais sentidos para suas leituras e a valorar o que lêem de acordo com seus próprios critérios.

De acordo com as formulações teórico-metodológicas empregadas pelas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica do Paraná (2006), para compreender a constituição dos saberes, conhecimentos e práticas que norteiam o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, a prática da leitura é um processo de produção de sentido que ocorre a partir de interações dialógicas entre o texto e o leitor.

Partindo desse postulado, é necessário que pensemos em estratégias pedagógicas que visem a suprir deficiências na habilidade de leitura, o que implica na necessidade de explorar os recursos que as escolas dispõem. E um desses, disponibilizado por meio da Secretaria de Estado da Educação (SEED) através do programa “Paraná Digital”, são os laboratórios de informática das escolas da rede pública do Paraná, que vêm possibilitar aos professores e alunos o uso de ferramentas de internet, editoração, planilhas e diversos programas de software livre úteis para a educação, além de difundirem o uso pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como ferramenta pedagógica a serviço da comunidade escolar.

Para entendermos o que são as Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas à educação, realizamos uma consulta bibliográfica na qual selecionamos alguns autores para o alicerce da fundamentação teórica, quais sejam: Luiz Antônio Marcuschi (2004), Maria Luiza Belloni (2003), Ângela Álvares Correia (2003), Geórgia Antony (2003), Carla Viana Coscarelli (1999), Juan Carlos Tedesco, (2004), Maria Teresa de Assunção Freitas (2006) e Sérgio Roberto Costa (2006), que destacam a presença das novas tecnologias na educação e a possibilidade de mudança na melhoria do desenvolvimento ensino-aprendizagem, e particularmente a leitura, ressaltando-se o hipertexto, objeto

deste estudo.

Nosso objetivo geral constitui-se em estudar, pesquisar e utilizar o hipertexto, entre outros recursos eletrônicos e midiáticos, através da mídia eletrônica veiculada na internet de forma a viabilizar um processo de ensino sistematizado de interação e compromisso prazeroso com a leitura, a fim de que o aluno faça uma hiperleitura conforme a variedade dos gêneros textuais estabelece: linguagem verbal, não verbal e mista, contexto urbano, rural, científico, autores de diferentes épocas, regiões brasileiras e nacionalidades na intenção de informar, refletir, criticar, divertir, emocionar.

Os nossos objetivos específicos almejam possibilitar que o aluno amplie gradativamente seu domínio de uso da mídia eletrônica em sua aprendizagem escolar, saber indispensável para sua participação na vida social e intelectual, além de tornar o aluno mais capaz de associar o conteúdo lingüístico de um texto com o conhecimento de mundo dos mais diversos gêneros textuais que circulam no meio social; estimular a leitura e a participação do aluno ao estabelecer vínculos com a atualidade e ao selecionar autores e textos de seu interesse, proporcionando a ampliação de seu repertório literário ao ler e ao produzir com maior autonomia e eficiência.

Temos a finalidade de expandir a prática da leitura e propiciar ao professor de língua materna empregar, em suas aulas, situações diversificadas de leitura, permitindo ao aluno a escolha de suas leituras e que este amplie seu conhecimento por meio da experiência com o outro, re-significando a aprendizagem escolar. Intencionamos ainda oferecer atividades que possibilitem o desenvolvimento do raciocínio analítico por meio de relações intertextuais; utilizando os recursos das novas tecnologias da comunicação virtual e enriquecendo a prática pedagógica do professor de língua materna, tornando a sala de aula interativa.

### **Uso das novas tecnologias da informação e comunicação**

É comum ouvirmos sobre uma educação inovadora, transformadora, de professores renovados, de renovação de espaços, de ressignificação de conteúdos e de valores tendo como ponto de partida as mudanças ocorridas na sociedade. Neste sentido a escola, como instituição integrante e atuante dessa sociedade e desencadeadora do saber sistematizado, não pode ficar fora ou à margem desse dinamismo.

Por outro lado, sabemos que o cotidiano do educador é repleto de divisões,

seriações, conteúdos preestabelecidos, carga horária, calendários, quase sempre inalteráveis. O tempo destinado à criação, à interpretação, à reflexão, à descoberta de novas tecnologias é escasso e nem sempre é aproveitado de maneira racional. A língua utilizada está presente: na música, na arte, no trabalho, na política, nas variadas culturas, na diversidade dos gêneros, nas relações sociais e nas novas tecnologias, revelando o que se é, e nem sempre se dá conta do que se é de fato.

As Tecnologias da Informação e Comunicação, doravante denominadas TICs, são o espaço em que são gerados novos modos de ser, novas idéias, novos afetos e as novas formas de expressão que particularizam ainda quase mudamente; são o espaço no qual começam a nascer, ainda em estado de turbulência, as novas relações de produção, e novas formas de ação e organização política. Por isso, integrar as TICs à educação vem ao encontro de buscarmos novas proposições educacionais que atendam, também, às necessidades dos novos tempos e cenários, marcados pela transição de um paradigma conservador, que prevaleceu nos últimos tempos, para um novo paradigma emergente.

[...] rever nosso ofício e papel nesse processo que considera a educação uma mercadoria, submetida à lógica empresarial, ao conformismo, ao individualismo, à competição, à indiferença, à exclusão, para dar lugar à construção coletiva, à participação popular, à leitura crítica, à abordagem transdisciplinar, aos problemas encontrados no cotidiano, à ação-reflexão-ação (OLIVEIRA, 2006, p. 22).

Salientamos que as novas tecnologias apresentam para a língua portuguesa um universo misterioso e até desconhecido por alguns educadores. Na prática escolar, quando nos referimos às novas tecnologias, geralmente pensamos nas dificuldades como o laboratório de informática e o computador na escola, tão habitual e indispensável o seu uso em tantos meios e especificidades da sociedade, contudo, tampouco beneficiamo-nos de seus efeitos e recursos na prática pedagógica. Ressaltamos ainda que o computador, a internet e seus acessórios não são apenas mais uma tecnologia na sala de aula, porém se configuram em novas linguagens, e como tais devem ser tratadas, e a escola deve apropriar-se delas e desenvolvê-las, já que estão muito presentes na própria sociedade. Segundo Coscarelli (p. 41), “muitos professores ainda não sabem usar o computador, portanto, o primeiro passo é aprender a fazer isso. É preciso saber o que ele pode fazer, para depois saber o que fazer com ele.”.

O Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2005, através de uma pesquisa avaliativa acerca da situação da população quanto à leitura e à escrita, apresentou fatos importantes que serviram de apoio na definição do objeto de estudo deste artigo. O primeiro deles é que a leitura continua sendo uma prática ligada diretamente à escolaridade, que se mostra, assim, um importante diferencial no desenvolvimento dessa habilidade. Outro dado revelado é o de que o computador tem aparecido como relevante suporte de leitura entre os jovens, todavia o seu uso ainda não é expressivo no espaço escolar quando comparado como outros espaços públicos.

Da mesma forma que procuramos desenvolver habilidades para a leitura do texto no papel, almejamos o desenvolvimento de habilidades para a leitura do texto na tela, o qual, por sua vez, é aquele texto que combina a palavra com a imagem, com o som; uma leitura interativa, uma hiperleitura.

As novas tecnologias apresentam outro tipo de texto, o chamado hipertexto, que é uma forma de leitura muito diferente, não se constituindo como um texto linear, é um texto simultâneo que também reúne a palavra com a imagem, com o som, enfim, com vários recursos. Por isso é imprescindível o desenvolvimento das habilidades de leitura, de compreensão, de interpretação desse tipo de texto e da compreensão do papel dessas tecnologias na sala de aula, pois como as Diretrizes estabelecem,

Aceitará os textos sugeridos pelos alunos como ponto de lançamento para a leitura de outros textos, num contínuo texto-puxa-texto que leve à reflexão, ao aprimoramento do pensar e a um aperfeiçoamento no manejo que ele terá de suas habilidades de falante, leitor e escritor (DIRETRIZES, 2006, p. 41).

O uso das novas tecnologias não pode ser entendido como garantia de inovação educacional, porque depende exclusivamente da maneira como esses dispositivos serão utilizados na construção de um saber significativo e contextualizado. Neste sentido, a utilização educativa das TICs, por exemplo, da informática, exige, nas palavras de Belloni,

[...] um conhecimento técnico mínimo da parte do professor, das regras de leitura e interpretação destas informações e uma abordagem interdisciplinar do conhecimento e do ensino, que oriente diferentes disciplinas [...] em ambientes de aprendizagem equipados (salas de meios, laboratórios de novas tecnologias... (2003, p. 72-73).

Pensando em práticas que desenvolvam habilidades de leitura e que estimulem a busca de informações sobre determinados assuntos através de usos diversificados de sons, imagens e animação associados aos textos verbais, o hipertexto pode contribuir de

forma efetiva nesse processo pela mediação do professor. Quando os objetivos pedagógicos são previamente definidos, o hipertexto eletrônico pode se configurar em um expressivo material didático para a realização de atividades de leituras, visto que é possível por meio dele disponibilizar, ao mesmo tempo, diversos textos de diversas naturezas. Ademais, por se tratar de uma ferramenta tecnológica presente no universo dos jovens, a leitura hipertextual pode se mostrar um relevante estímulo à aprendizagem.

Outro aspecto a considerarmos nessa prática é o leitor como co-autor do texto, ou seja, ele também pode participar da construção do texto à medida que é possível estabelecer o percurso de sua leitura. Correia postula que “No hipertexto, a descontinuidade, as múltiplas leituras, o papel ativo do leitor, a hibridação – que são processos internos da leitura e da escrita – são tratados às claras” (p. 70).

Há a necessidade de repensarmos a organização escolar, de modo que contemple todos os níveis de ensino no que tange à prática das novas tecnologias em sala de aula, principalmente o uso da internet, que cresceu velozmente com prodígios. Desta forma, a educação não pode permanecer ainda fadada à sala de aula tradicional nesta época de profundas transformações em que nossos alunos, mesmos os mais rudimentares, são frutos da geração web...

Na prática escolar, a internet configura-se como um meio de comunicação ainda incipiente, privilégio de poucos, tanto de alunos quanto de professores, no entanto pode ajudar-nos a rever, a ampliar e a modificar muitas formas contemporâneas de ensinar e aprender. Em depoimento colhido para este artigo a respeito da Internet, a aluna do Ensino Médio assim se manifesta: “Muitas pessoas não têm internet a sua disposição todos os dias então é só na escola que podemos desfrutar dessa tecnologia”. D.S. 1EM.

Sem dúvida a internet constitui-se como uma nova tecnologia na educação que veio facilitar a motivação dos alunos pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Aliado a isso, enfatizamos que o aluno aprende com a realidade e a informática é a realidade atual do mundo, vivenciada no cotidiano, e quem não for incluído nesse mundo virtual estará automaticamente excluído. A internet possibilita ainda uma relação de confiança com e entre os alunos, desenvolvendo uma aprendizagem colaborativa, a pesquisa em grupo, a troca de resultados, sempre com ênfase na interação em busca do conhecimento.

A esse respeito Wertheim postula:

“O que faz a diferença agora é a tecnologia. Os professores dispõem de recursos impensáveis anos atrás. Eles têm à disposição projetores,

computadores com acesso à internet e a possibilidade de interagir com outros centros de excelência” (2008, p. E7).

Ainda no que tange às novas tecnologias, todo professor precisa acreditar que é capaz de dominá-las, sendo capaz de enfrentar os desafios tecnológicos, a insegurança e explorar a internet com visão voltada ao seu conteúdo escolar, descobrindo com seus próprios alunos os meios, os caminhos e as ferramentas mais adequadas, considerando a internet um dos principais meios de chamar a atenção do aluno para a rotina de estudos. A internet pode também facilitar o educador em sua forma de administrar os conteúdos, não considerando apenas o repassar informações sem nada acrescentar, mas sim em criar meios para que o aluno investigue, questione, adquira e expanda conhecimentos, tendo aulas mais prazerosas e enriquecidas.

Conquanto a parafernália tecnológica amedronte o professor com sua pouca experiência no ciberespaço, à medida que este se relaciona com os recursos tecnológicos pode viabilizar sua metodologia rotineira mediante o uso de um processador de textos, Word ou Linux, de uma planilha eletrônica, o Excel ou de um programa de apresentações multimídia, o PowerPoint, por exemplo. Pode também armazenar os mais diversos materiais didáticos, como provas, resumos, tabelas, roteiros, atividades em geral, tornando menos trabalhosas as tarefas pedagógicas. O professor pode ainda pesquisar na internet regularmente, com vistas à implementação das aulas e, preferencialmente, manter um banco de dados de sites úteis para sua disciplina e até mesmo para todo o sistema educacional, contando como a possibilidade de interagir ao compartilhar esse banco de dados com os demais professores e alunos; e por fim, estar sempre articulando estratégias de ampliação de sua metodologia pedagógica pelos meios tecnológicos disponíveis. Tedesco assevera que (2004, p. 125) “desconhecemos quais são os limites da aplicação da informática, das redes como a Internet e dos novos meios audiovisuais aos processos de aprendizagem.”

Certamente o educador deve valorizar a quantidade de conteúdo que pode ser encontrada na internet, além de reconhecer que qualquer tentativa de dimensionar a grandeza que a internet tem a oferecer está fracassada, ela simplesmente avança, populariza-se, e sem pedir licença se torna onipresente... Pertence a nós, professores, a mediação, o incentivo para que haja uma boa interação no processo de ensino-aprendizagem. Outro depoimento colhido aponta que “A internet dá acesso a qualquer assunto que se deseja e também facilita muito a vida do estudante. Os computadores nas escolas proporcionam aulas mais dinâmicas e interessantes, até mais compreensíveis”.

M. C. M. 1EM.

A tecnologia é democrática na criação, ela deve fazer parte do cotidiano escolar, os alunos devem ser vistos como membros de uma sociedade digital, a escola tem de se adequar à atualidade, educar para a cidadania, por isso a urgência de a escola se integrar às novas tecnologias da informação, já que, mais que a internet, a informática está diretamente ligada à educação, à informação, à capacitação e à preparação do cidadão e profissional do amanhã.

As novas tecnologias também podem ser consideradas uma ferramenta a mais para manter incluídos no sistema de ensino aqueles alunos que geralmente acabam sendo excluídos por serem "problemáticos", "difíceis de lidar", "fracos", "dispersos" e outras denominações semelhantes, revitalizando o processo de inclusão social que se pretende conseguir, que tanto se propaga e tão pouco se vê. Nas palavras de Tedesco,

Facilitar a aprendizagem significativa de conteúdos educativos, motivar a atenção do aluno e manter seu interesse. Avaliar interativamente os estudantes, apontando seus erros de maneira imediata, para que possam refletir sobre suas respostas e tentar novamente. Oferecer meios para se pesquisar, trocar opiniões e comparar efeitos, a fim de compreender determinados conceitos. Propor desafios que exijam a aplicação de determinados conhecimentos com o objetivo de fortalecê-los (2004, p. 212).

A presença das novas tecnologias na escola abriu possibilidades de leitura de outras mídias., as quais têm um poder maior de interação com os alunos. Não somente são mais atrativas, mas também desenvolvem habilidades e competências que as ferramentas tradicionais não desenvolviam a contento; afinal, quando se tem um propósito conciso com nossos objetivos e deixamos claro ao aluno o que queremos, ele desfruta mais da aprendizagem, a interação acontece, sendo aulas muito mais produtivas do que as tradicionais aulas expositivas.

Com o avanço da evolução tecnológica ocorre também a evolução dos processos educacionais. Embora a Educação sempre apresente propostas inovadoras, a implementação de mudanças acontece de forma mais lenta, ainda que, ao menos na aparência, seja uma instituição que se propõe a ser um fator gerador de mudanças. As novas tecnologias são velocíssimas, as máquinas mudaram, o mundo mudou, ainda que na maior parte das escolas os professores continuem quase que os mesmos, sendo, em sua grande maioria, resistentes às mudanças, quando deveriam ter como suas aliadas as novas tecnologias para melhorar seu desempenho e serem reais agentes de inovação cultural.

O uso da internet nas escolas não pode tornar-se fobia, um plano irrealizável, uma quimera panacéia do uso desses recursos para uma suposta revolução na forma de se aprender e ensinar como algo vulgarizado. Não é mito, é uma mudança tecnológica e nós, educadores, devemos saber aproveitar o computador e seus recursos como um mecanismo de ensino. Fica evidente que as escolas e as universidades devem se preocupar em formar profissionais aptos a viverem e a participarem ativamente dessa nova sociedade digital, haja vista que seus usuários não imaginam o mundo sem conexão, principalmente o segmento jovem que lida com muita habilidade com a tecnologia. É o que afirma Tedesco:

As faculdades e escolas [...] mantêm, basicamente, a mesma orientação e estrutura desde o último quarto do século passado, não tendo adotado as redefinições e os redesenhos que seriam necessários para abordar os desafios da sociedade de informação da informação. Quanto às NTIC, o treinamento ainda se limita, quase que exclusivamente, a uma alfabetização tecnológica e de uso elementar. (2004, p. 71).

### **Gêneros textuais procedentes das novas tecnologias**

São diversos os gêneros textuais emergindo no contexto das novas tecnologias da linguagem em ambientes virtuais, porém a maioria deles é semelhante tanto na oralidade quanto na escrita. Embora ainda sequer se solidificaram devido à grande variedade e versatilidade, esses gêneros eletrônicos provocam polêmicas na linguagem e na vida social. Sem dúvida são bastante interessantes na comunicação virtual, essencialmente no que se refere à interação on-line e como esta se contextualiza.

Os gêneros textuais já vêm sendo analisados há muito tempo, desde quando surgiram a Lingüística de Texto, a Análise Conversacional e Análise do Discurso. Neste estudo, nosso enfoque está nos gêneros textuais no domínio das novas tecnologias em ambientes virtuais.

Os gêneros têm grande importância na estrutura comunicativa da sociedade, por constituir relações de poder dentro das instituições. Eles são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural. Qualquer interação entre pessoas organiza-se em algum gênero, seja uma conversa de bar, uma tese de doutoramento, seja na modalidade oral ou escrita.

Podem se considerar, segundo observa Marcuschi (2004), gêneros textuais eletrônicos emergentes e seus equivalentes em gêneros já existentes: o e-mail (carta pessoa, bilhete, correio); o bate-papo virtual, o chat em aberto, em salas privadas, agendado (conversações em grande variedade); aula-chat, aulas virtuais (aulas

presenciais); videoconferência interativa (reunião de grupo, conferência, debate); listas de discussão (circulares); endereço eletrônico (endereço pessoa); blog, diários virtuais (diário pessoa, agendas), gêneros hipertextuais, gênero participativo e outras expressões da tecnologia da linguagem que se tornam relevantes por reunirem texto, som e fotografia.

Nem tudo o que ocorre no meio virtual pode ser gênero; por exemplo, a homepage é apenas um catálogo ou uma vitrine pessoal ou institucional. Também o hipertexto não é um gênero, e sim um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros, cada um com sua especificidade. Até mesmo os jogos interativos são apenas suportes para ações, envolvendo variados gêneros em sua configuração. Os gêneros são relevantes porque seu uso e desenvolvimento são cada vez mais generalizados, suas peculiaridades têm partes em gêneros prévios, oferecendo possibilidades de revermos conceitos tradicionais em relação à oralidade e à escrita.

Nesse contexto, é oportuno analisarmos o efeito das novas tecnologias da linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias, pois as novas tecnologias não mudam os objetos, mas sim nossas relações com eles; e assim objetivamos entender um pouco mais os hábitos sociais e lingüísticos dos usuários da rede mundial, principalmente o adolescente.

Na internet, todos os gêneros a ela ligados são textuais, baseados na escrita eletrônica com variedades e versatilidades, apesar de sua integração com som e imagem, constituindo um hibridismo muito grande. No que tange à escrita na internet, a concepção de texto está sendo alterada e tal modificação carrega, desde o processo de sua criação, os vestígios dos usos e interpretações permitidos pelas formas que a precederam.

Tal fato talvez ganhe maior visibilidade se refletirmos mais detalhadamente sobre como as novas tecnologias incorporam os antigos avanços tecnológicos e introduzem mudanças que promovem e demandam novos modos de interação com o texto e via texto escrito, ampliando a resistência dos indivíduos que compõem a sociedade, principalmente de quem não possui familiaridade com o novo meio instantâneo de comunicação. A escrita na internet, considerada escrita de última geração, evidencia questões que nos levam a repensar a relação fala e escrita e a considerarmos os modos mistos e heterogêneos de construção.

Essa reflexão nos obriga a rever antigas categorias que opõem de forma dicotômica o texto falado e o escrito, ou a cultura oral e a letrada, que também é uma forma de provocar a leitura. Tais mudanças ocorreram devido a uma série de inovações

tecnológicas que foram sendo agregadas, mudando de maneira gradativa não apenas o suporte da escrita como também o perfil lingüístico dessa escrita. Como não é nosso propósito neste estudo explorar a escrita, embora leitura e escrita caminhem juntas e têm simbiose, há razão em nos aprofundarmos somente na leitura.

### **O hipertexto, o texto e a leitura**

Quando textos, imagens e sons se sobrepõem, formam um hipertexto com toda riqueza semiótica e dinâmica que se caracteriza pela não-linearidade. Os links e os nós textuais que se “escondem” por detrás deles possibilitam os mais diversos caminhos para os usuários realizarem uma leitura na internet. Esses dispositivos textuais, também conhecidos por hipermídia, constituem uma fusão na tela do computador, devido a isso todo texto é considerado um hipertexto no ciberespaço. A esse respeito Correia & Antony assim se reportam:

O hipertexto é um texto criado a partir desses elementos de construção: interatividade, intertextualidade, heterogeneidade e não-linearidade. Na leitura/escrita de um hipertexto; esses elementos deixam de ser uma questão de foro íntimo, uma abstração, e passam a fazer parte da concretude do texto (2003, p. 69).

Com a presença das novas tecnologias de comunicação, dentre elas o hipertexto na internet, surgem novas possibilidades de leitura. Esses avanços devem ser dominados pelo professor, o qual precisa adaptar e inovar sua prática pedagógica e jamais deve ignorar a chegada das novas tecnologias na educação. É fundamental que este reflita acerca dos modos de ocorrência do hipertexto e aproprie-se de suas vantagens.

Para alicerçar uma prática pedagógica com base nesse novo paradigma, faz-se necessário ao professor, primeiramente, a revisão de seus procedimentos e a ousadia de empregar diferentes recursos em seu processo de ensino-aprendizagem. Dentro dessa nova estrutura organizacional, da qual integram as novas linguagens e os novos tipos de textos, destacamos o e-mail, a multimídia, a hipermídia e o hipertexto.

A apreensão de sentido da leitura nas novas tecnologias da linguagem ocorre com palavras, sons, imagens, gráficos e mapas, formando um todo significativo do qual surge a multiplicidade de sentidos disponibilizados a todo usuário que dele se interesse para ampliar sua leitura – hiperleitura; uma maneira diversificada de leitura. E ainda com possibilidade de acesso simultaneamente em qualquer hora e lugar por infinitos leitores, sem imposição alguma quanto à ordem e escolha a seguir, alterando a maneira de os

usuários raciocinarem. Cada percurso textual é criado de forma original e única pelo leitor cibernético. Não existe, portanto, um único autor e sim um sujeito coletivo, uma reunião e interação de consciências que produzem conhecimento e navegam juntas. Sobre essa vantagem se reportam Almeida e Moran:

Não se trata da mesma leitura realizada no espaço linear do material impresso. A leitura de um texto não linear na tela do computador está baseada em indexações, conexões entre idéias e conceitos articulados por meio de links (nós e ligações), que conectam informações representadas sob diferentes formas, tais como palavras, páginas, imagens, animações, gráficos, sons, clipes de vídeo, etc. Dessa forma, ao clicar sobre uma palavra, imagem ou frase definida como um nó de um hipertexto, encontra-se uma nova situação, evento ou outros textos relacionados (2005, p. 41-42).

É o hipertexto que concede ao usuário da rede a oportunidade de se tornar um leitor atualizado e revolucionário em todos os sentidos, devido aos dados fornecidos por ele, viabilizando também a sua compreensão, porque a leitura permeia processos comunicativos e de produção hipertextual.

O hipertexto é um novo caminho para desenvolver habilidades do ato de ler e escrever, e para ampliar a leitura ele apresenta maior interação, torna o aluno mais ativo, comunicativo e capaz de socializar, interagir e produzir múltiplas leituras. É uma alternativa inovadora que possibilita tanto o domínio amplo da leitura e da oralidade em situações formais e informais quanto o desenvolvimento de uma compreensão da própria realidade da linguagem. Leva a uma ação reflexiva sobre a linguagem, envolve a organização textual, gramatical, sua dimensão social e histórica e a variação lingüística. Por conseguinte, a leitura no hipertexto é surpreendente, cria redes para múltiplas leituras do mundo e para a compreensão da linguagem.

Quando trabalhamos com idéias, noções de língua, texto e leitura, a educação dispõe de uma grande liberdade de atuação, pois idéias podem se adaptar e readaptar infinitas situações, espaços e contextos. É algo que está além do texto, em uma posição ampliada. Dentro do hipertexto existem vários links, os quais permitem formar o caminho para outras janelas, conectando algumas expressões com novos textos, fazendo com que esses se distanciem da linearidade da página e se pareçam mais com uma rede. Na internet, cada site é um hipertexto – clicando em certas palavras formam-se para novos trechos, criando novos textos.

A concepção hipertextual, em suas manifestações e estratégias, leva-nos a compreender que a utilização dos meios tecnológicos é fértil em possibilidade para criar

novas formas de comunicar e expressar idéias, conceitos e temas; dessa maneira, multiplicam-se as opções de estratégias do usuário.

A não-linearidade do hipertexto é um caminho não prescrito no texto, mas percorrido por cada leitor, escritor de maneira diferente. Pode facilitar a compreensão integral do texto, embora possa também dispersar o leitor iniciante, conseqüentemente gerando indisposição e abandono da leitura. Importa-nos, neste estudo, a percepção integral porque acreditamos que a leitura é fonte de conhecimento; sendo assim, ler é navegar nas profundidades da rede mundial, é perder-se, é libertar-se dos caminhos proibidos, sem margens, sem início nem fim, sem percurso estabelecido por antecipação; cada leitura termina com a abertura para outras leituras, o fim é o apresentado pelo próprio link.

Nesse âmbito, Correia & Antony se referem:

[...] o hipertexto é não-linear, ou seja, não há uma ordem ou percurso predefinido a seguir, a despeito das opções realizadas pelo autor e a interveniência de suas pressuposições e simulações de possibilidades de percurso por ele imaginadas, já que a realização de percurso cabe, de fato, ao leitor/usuário, suas intenções, circunstâncias e possibilidades (*apud* FIORENTINI & MORAES, 2003, p. 53).

A intertextualidade ou multilinearidade favorece a intertextualidade em todos os seus níveis, sendo um processo de abertura do texto através do qual este último se dá a ler como uma rede de interconexões. É a leitura que organiza o texto. A cada leitura se realiza um texto inédito, único, individual, mas também a cada leitura realiza-se um texto coletivo\_à medida que o leitor traz consigo outros textos anteriores que dialogam e constroem o novo texto.

Marcuschi assim define o ato de ler:

[...] o ato de ler/compreender se viabiliza com muito mais totalidade e amplitude, haja vista que, estando esses aparatos midiáticos bem organizados e devidamente interrelacionados, o usuário, mesmo inconscientemente, será beneficiado pela convergência dessas interfaces comunicacionais, já que elas cooperam para fluir a compreensão (2004, p. 175).

O hipertexto permite externalizar esse processo da realização do texto pela leitura. Quando o leitor conecta diferentes links, associa conteúdos e transforma diretamente o texto, ele está internalizando a sua leitura, a realização de seu texto. Por isso o hipertexto evidencia o processo da intertextualidade na escrita e na leitura, que sempre esteve presente, mas se mantinha implícito no ato de escrever e ler. Segundo as Diretrizes (p. 40), devemos considerar ainda a intertextualidade de conhecimento que interage com

outros textos sociais, culturais, educacionais e pessoais presentes no cotidiano.

Quanto à interatividade, o usuário pode interferir e transformar o texto, tornando-se co-autor do texto. O leitor em navegação contígua, sem limites de espaço físico e de margens, escolhe seu percurso, cria e modifica novas conexões que têm sentido para ele, e não necessariamente fazem sentido para o criador do hipertexto ou para outros leitores. A interatividade pode acontecer na escolha de um percurso de acesso a conteúdos e na construção de um percurso de sentido no momento em que se conectam temas e idéias em duplo sentido: escolher links e produzir inferências, por exemplo.

Já a heterogeneidade permite que o hipertexto aglomere atos comunicacionais muito diversos, lingüísticos, perceptivos, gestuais, cognitivos. A associação de diversas fontes perceptivas é um diferencial do equipamento eletrônico, que não se compara com a limitação do texto impresso. Um texto heterogêneo fala ao leitor sob diferentes perspectivas sensoriais, imaginação, percepção. A prática hipertextual significa uma experiência de construção de sentidos e de formação humana na qual há uma heterogeneidade de textos: corporal, emocional, social, psicológico, sinestésico.

O hipertexto é um texto criado a partir da interatividade, intertextualidade, heterogeneidade e não-linearidade; esses elementos fazem parte da concretude do texto, estão externalizados. O hipertexto possui estrutura menos formalizada do que o texto impresso, porém com mais significados oferecidos pelo espaço digital por meio da linguagem eletrônica. Há também diversidade quanto aos processos internos da leitura e da escrita: descontinuidade, múltiplas leituras, papel ativo do leitor e hibridação; o leitor/escritor faz uso desses elementos de modo consciente, configurando-se como um fato que o difere do texto tradicional pela sua concepção, por se basear na linearidade, univocidade, passividade do leitor e em gêneros predefinidos.

Outra distinção é que a informação no hipertexto encontra-se armazenada em uma rede de nós conectados por ligações, podendo ser nós que contêm gráficos, textos, sons e imagens, os chamados documentos hipermídia. Essas ligações unem essas entradas entre si: do texto lido aos textos a ler, da ilustração ao trecho de música... Isto é, é sempre possível modificá-los, ao contrário do documento impresso.

A leitura hipertextual depende da concepção em que está calcada e não do ambiente em que se realiza, deduzimos que a construção do hipertexto pode ocorrer no ambiente impresso, tv, cinema e sala de aula. A internalização da estrutura do hipertexto como mediação para a produção de conhecimento implica em novas formas de ler, escrever, pensar e aprender, porque o hipertexto não é um mero produto da tecnologia e

sim um recurso tecnológico relacionado com as formas de produzir e de organizar o conhecimento, conforme pontua Marcuschi:

[...] um dos aspectos mais importantes a ser considerado na leitura de uma mensagem é que quem a produz está interessado, de alguma forma, em convencer o outro de algo. Desse modo, o locutor ativa todos os recursos possíveis, com a intenção de levar o outro a acreditar naquilo que a mensagem diz e, ainda, fazer aquilo que é proposto (2004, p. 126).

Como preconizam as Diretrizes Curriculares para Educação Básica do Paraná, seguindo a natureza social da linguagem, redefinem o conceito de texto, que passa a ser visto como lugar em que os participantes da interação dialógica se constroem e são construídos. Todo texto é, assim, articulação de discursos, vozes que se materializam. Portanto, as Diretrizes entendem a leitura como um processo de produção de sentido que se dá a partir de interações sociais ou relações dialógicas que acontecem entre o texto e o leitor, com o objetivo de compreender as novas concepções que assumem a língua como interação e discurso, como podemos depreender dessa assertiva:

Mais que isso, porém, espera-se formar um leitor capaz de sentir e de expressar o que sentiu, com condições de reconhecer nas aulas de literatura um envolvimento de subjetividades que se expressam pela tríade obra/autor/leitor, por meio de uma interação que está presente no ato de ler (DIRETRIZES, 2006, p. 38).

Apresentamos, a seguir, uma breve observação da leitura nas perspectivas interacionista, discursiva e intertextual.

Na perspectiva interacionista, a compreensão do texto ocorre mediante o processo de interação entre texto e leitor, e não apenas em um só dos participantes. Ambos tornam-se, por conseguinte, responsáveis pela construção do texto. E sendo a compreensão a finalidade do ato de ler, os conhecimentos prévios são de importância fundamental, resultando no uso de inferências, conceituadas por Fulgêncio & Liberato (2001) como um processo de construção de pontes de sentido, de integração entre as informações visuais oferecidas pelo texto e os conhecimentos do leitor.

O processo de interação texto-leitor é próprio de cada leitor em particular, é muito pessoal, cada um carrega consigo suas experiências de leitor,, a leitura nunca é a mesma. Portanto, pensarmos em aula interativa é pensarmos em situações de leituras diversificadas que permitam ao aluno reconhecer os vazios dos processos discursivos, ou seja, as informações implícitas, os pressupostos e subentendidos, tornando-o sujeito-leitor capaz de atribuir sentidos para o que está lendo.

A perspectiva discursiva, por meio da análise do discurso, vem complementar algumas limitações da perspectiva interacionista à proporção que considera as condições de produção fundamentais para a apropriação do sentido e da função do texto, analisando os aspectos sociais e ideológicos envolvidos no processo de produção de linguagem. Nessa perspectiva, o texto constitui-se unidade que nos permite o acesso ao trabalho da língua, ao jogo de sentidos e ao funcionamento da discursividade em suas condições de produção. De acordo com Menegassi (2005), os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com o que está fora do texto, nas condições em que eles são produzidos. As condições de produção compreendem essencialmente os sujeitos e a situação de ocorrência dos enunciados.

Essa perspectiva simplesmente nega a intencionalidade do autor, já que considera que é a ideologia que determina a configuração do sentido. Logo, em uma análise textual devemos questionar “Como o texto significa?” e não mais fazermos o questionamento tradicional: “O que o autor quis dizer no texto?” As relações de interação e inter-relação entre textos, entre obras, ou o diálogo possível entre eles concretizam a perspectiva da intertextualidade, a qual é garantida nas atividades que, além de levar o aluno a compreender o texto como produto histórico-social, permitem relacioná-lo a outros textos já lidos e/ou ouvidos e a perceber a multiplicidade de leituras pelo texto suscitadas.

A intertextualidade, dessa forma, possibilita o diálogo do texto com o universo do leitor, além da percepção e busca de outras leituras que complementem a compreensão, contrapondo-se à ideologia de uma leitura passiva, controlada pela ordem dos discursos.

Além das perspectivas analisadas, é necessário não ignorarmos que ao lado das mesmas coexistem teorias ora centradas no sistema lingüístico, ou seja, no simples reconhecimento de palavras e idéias; ora na perspectiva do leitor, em que a obtenção de significados se dá sempre por força dos conhecimentos prévios do leitor, desconsiderando os aspectos sociais.

Alguns estudos sobre a leitura, como o de Ritter (*apud* MENEGASSI, 2005), propõem que haja uma articulação entre as perspectivas do leitor, do texto e do discurso, resultando em uma perspectiva cognitivo-discursiva para o ensino da leitura, que considere os conhecimentos que vão desde a decodificação, perpassando pelos conhecimentos prévios até chegar ao estabelecimento de um conjunto de relações que considerem as condições sócio-históricas da leitura, para que, enfim, consigam conjuntamente formar e desenvolver leitores competentes.

Quando pensamos em leitores competentes, autônomos, capazes de ler e

interpretar textos em múltiplas linguagens, automaticamente pensamos também em práticas eficazes para esse fim. Atualmente, dispomos de uma expressiva quantidade de informações nas várias esferas do conhecimento, e conseqüentemente a formação desses leitores torna-se exigência. Neste sentido, as práticas de leitura requerem estratégias que resultem em um trabalho de atribuição de sentidos e de interação com o que se lê, pois de acordo com o educador Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Observando sempre a especificidade, o conteúdo e a forma do texto a ser trabalhado, é fundamental o encaminhamento de práticas de leitura que levem o aluno a interagir com o que está lendo, compreendendo e atribuindo sentidos, para que ele, como sujeito-leitor, também usufrua desse processo na leitura de outros textos que encontre fora do contexto escolar.

### **Leitura – hiperleitura**

Em pleno século XXI, apenas uma pequena parte da população brasileira possui condições de ler textos longos, relacionar partes de um texto e comparar diferentes textos. A má formação das habilidades necessárias à leitura tem como origem a fragilidade do processo educacional: alguns lêem muito devagar, outros não compreendem o que lêem; uns não têm paciência para ler, outros não têm concentração. Os alunos não se interessam mais pelos livros, e se voltam à internet, porque é ali que encontram de tudo, do "bom e ruim", por isso faz-se necessária mais essa responsabilidade por parte dos professores. Devemos incentivar os alunos ao exercício da leitura, se não no manuseio dos livros, que seja então no uso da internet; de antemão o texto na tela com apresentação de boa qualidade facilita e motiva a leitura por qualquer pessoa, principalmente o aluno adolescente e ler na tela do computador é melhor do que não ler nada.

Nesse âmbito Lessig assinala:

“Hoje, quando alguém quer saber algo, o acesso é instantâneo, mais e mais pessoas têm aprendido. Não vivemos num mundo totalitário onde podemos parar essa forma de cultura e forçar a volta apenas à leitura de livros. Precisamos aprender a viver com isso” (2008, p. E7).

Em relação à prática da leitura, o hipertexto enquanto recurso pedagógico é uma proposta inovadora, não só por apresentar a oportunidade de leituras variadas, mas também por priorizar o contato direto do aluno com os mais diversos gêneros textuais a

partir da análise de imagens, fotos, gráficos, mapas, tabelas, ilustrações, sons e tantas mídias que veiculam informações externas no mundo virtual, considerando que o aluno da rede pública possui poucas oportunidades de contato com a leitura para informação, para exercer a cidadania e para seu próprio entretenimento. Portanto, o uso do hipertexto é uma nova metodologia na educação, possível de tornar os alunos mais autônomos, promovendo-os à interação social. O professor apenas incentiva os estudantes à busca de seu conhecimento e de sua aplicabilidade; em contrapartida, cria um espírito crítico com relação a sua própria credibilidade enquanto aluno adolescente e ao contexto social vigente.

Na leitura hipertextual, o aluno tem autonomia de administrar sua atividade, liberdade para traçar seus objetivos. Ele pode procurar informações, que podem estar em qualquer parte do texto a ser lido: a partir do título, do tema abordado, do autor, do gênero textual; por prazer, para conhecer determinado assunto, para atualizar-se, para seguir instruções, para revisar o próprio texto ou o conteúdo estudado. Enquanto navega, o aluno constrói o significado de palavras ou expressões a partir do contexto do texto, deduz conclusões não explicitadas com base em outras leituras, na própria experiências de vida, crenças, valores e no conhecimento acumulado. Formula hipóteses a respeito da seqüência do enredo, da exposição ou da argumentação; confirma, rejeita ou reformula hipóteses já criadas. Relaciona gênero escolhido com as intenções do autor; estabelece relação entre suporte e organização textual, hibrida gênero, conforme sua criatividade. Localiza informações importantes para a compreensão do texto ou para seu estudo, identifica palavras-chave para definição de conceitos, para determinar a idéia central do texto, infere, associa informações para deduzir conclusões. Para Oliveira,

“Mesmo estando a ênfase na leitura e interpretação de textos, a escrita também ganha novas características na medida em que, na incorporação dos recursos de multimídia, hipermídia ou hipertexto há um crescente enlaçamento entre os papéis de produtor e leitor. Uma vez que o desafio do leitor é “entrar” no texto e o do redator é reler-se para corrigir-se, tornando-se “estranho” ao próprio texto” (2006 p. 34).

Em muitos momentos o aluno se torna pró-ativo, isto é, vai além do texto. Projeta o sentido do texto para outras experiências e outras realidades; relaciona informações do texto e conhecimento adquirido ao seu cotidiano, julga as informações ou opiniões emitidas no texto, os recursos estilísticos, expressivos utilizados e os efeitos de sentido pretendidos pelo autor, socializa e interage com os demais colegas; de mais a mais, os textos podem ser revisados, o que conduz a uma constante atividade leitora.

Oliveira (2006) pontua que o que se escreve na internet é visto pelos demais alunos e cada um deles pode intervir na modificação do texto utilizando o mesmo instrumento. A facilidade das revisões também pode contribuir para a participação. Pela dinâmica da interatividade a análise se aprofunda, o aluno diseca o texto espontaneamente, depois de diversas releituras, é possível arrastar o último parágrafo escrito interligar com o precedente ou desdobrá-lo em dois parágrafos ou mais, reler o objetivo inicial compará-lo e se preciso for reestruturá-lo. É ainda através dessas formas de interação que se visualizam diferentes leituras e formas de comunicar o mesmo texto, habilitando o produtor no campo da intertextualidade, assim como nos aspectos da coesão e coerência textuais.

Outro aspecto relevante é a busca constante por novas possibilidades de leitura e compreensão de textos; quanto mais textos alguém seja capaz de ler e entender, maior conhecimento adquire. Tudo porque a leitura no hipertexto ultrapassa a linearidade da leitura tradicional, a leitura na tela tem mais ação do que a leitura no papel impresso. A hiperleitura ocorre mediante a própria estrutura do hipertexto, das possíveis dobras de sentido, em atualizar seu percurso, sem roteiro prévio de leitura, momento a momento o leitor tem autonomia para criar, recriar, incorporar... É um bom exercício de paciência, a pressa se dissipa com tantos novos recursos tecnológicos, vale ressaltarmos que o hipertexto na tecnologia é o meio, o apoio, como um livro, se não abrir, não conhece, se não ler, não compreende, se não desenvolver os exercícios, nunca terá como saber do que se trata.

Portanto, na sociedade contemporânea, permeada pelas novas tecnologias toda a literatura se tornou mais rica em forma de imagens em movimento. O vídeo tem caráter intimista, onipresente e de acessível comunicação, principalmente no que tange ao imaginário infanto-juvenil, à cultura e à vida das pessoas devido à linguagem audiovisual, a qual, por sua vez, é algo em ascensão e uma constante no contexto social e imaginário infantil.

### **Produção Didático-Pedagógica**

Nossa produção didático-pedagógica consiste em onze atividades bastante pertinentes relativas à educação básica, já que apresentam mecanismos de aprendizagem da leitura através de um meio deveras atraente ao alunado, o meio virtual, pela Internet. No tocante à área de atuação do professor, é um material didático que se mostra adequado e coerente, haja vista que desenvolve estudos na área da

aprendizagem da leitura, fazendo uso de gêneros textuais, utilizando o eixo temático leitura, escrita e produção textual, componentes básicos da disciplina de Língua Portuguesa.

Iniciamos nossa produção didático-pedagógica com uma leitura comparada entre dois poemas iguais, um na escrita tradicional e outro com *links*, elo, vínculo (palavra grifada), que é o hipertexto. Nosso objetivo é que o aluno conheça o hipertexto e já mergulhe na leitura e consiga atingir a hiperleitura.

A seguir o aluno faz a leitura de um e-mail, algo do cotidiano, porém com alguns questionamentos: “Esse texto tem semelhança com algum texto que você conhece? Qual? Onde esse texto circula? Qual o nome que ele é conhecido? Podemos considerá-lo um novo gênero textual? Qual? Ele procede de que outro gênero já existente? A quem se destina? Qual o objetivo dele? Justifique a criação desse gênero discursivo em nossa sociedade, e em específico, a importância desse gênero. Escreva um e-mail ao diretor da escola solicitando o uso do Laboratório de Informática para a apresentação de trabalhos durante a visita dos pais à escola”.

Prosseguimos a leitura de um poema já formatado com links, e o aluno deve clicar em cada *link* e dar continuidade a sua leitura considerando os questionamentos. “É possível fazer associações com outros textos: interatividade e intertextualidade? Como? No hipertexto, esses elementos deixam de ser uma abstração e passam a fazer parte da concretude do texto. Explique como você percebeu essa ‘concretude’. Explore seu conhecimento com hipertexto e navegue pesquisando sobre ‘Guimarães Rosa – palavras de Riobaldo em Grande Sertão Veredas)’ nas manifestações de arte, cinema, música, moda, telenovela e se prepare para, junto com os demais colegas da sala, confeccionar um painel com ilustrações e artigos que o represente em cada modalidade sugerida”.

Destacamos que em uma atividade, chamada de atividade quatro, a leitura permanecia como um dinamismo. Realizada em dupla, a tarefa do aluno era escolher aleatoriamente para leitura um acontecimento urbano divulgado na internet e em jornais televisivos e ler. Além de navegar na web em busca de poemas ou crônicas e imagens que se relacionassem com o artigo selecionado; explorar toda a criatividade e fazer um hipertexto; postar o hipertexto em um mural digital, podendo ser no GoZub – o Twitter Brasileiro ou em qualquer blog que preferir. Finalmente o aluno deveria ler o hipertexto de outras duplas e registrar seu comentário, seja crítico, dar sugestões... Rer ler o seu mural e procurar classificar cada texto de acordo com o gênero textual pertinente; avaliar sua aprendizagem nessa aula, verificando em que ela pode ser melhorada.

A seguir, passamos um texto fílmico, uma leitura atenta ao filme como um outro texto qualquer. Sugestão: o filme “Pingüim (Happy Feet)”. Como sugestão de atividade, trabalharemos com os alunos as curiosidades: “O que é um filme, como é feito? Por que são produzidos? Para quem? Quem trabalhou nele? Quais as cenas mais importantes? Quais filmes você conhece e quais são seus gostos?” Em trio, os alunos discutiram a questão anterior, organizaram uma síntese da discussão grupal, relacionando-a ao conteúdo já estudado, e na seqüência foi feita uma exposição à turma da opinião geral do grupo. As etapas da análise fílmica compreendem as seguintes: 1) pesquisar na internet sobre a fonte: (ficha técnica do filme, título original, país, ano, duração, produtores distribuidores, roteirista, fotógrafo, cinegrafista, efeitos especiais, sinopse, público-alvo, acessibilidade, obras correlatas: outros filmes ou textos de apoio); 2) reconstituição sumária da história, observando a mensagem principal, os principais personagens; 3) apresentação oral dos grupos em sala de aula acerca de um relatório do filme; 4) debate livre, focalizando a articulação do conteúdo com o estudado anteriormente na classe e verificando o potencial das áreas de aplicação, a possibilidade de ser usado em mais de um conteúdo ou disciplina. (linguagem e contexto); 5) selecionar as seqüências das cenas mais interessantes ao trabalho; 6) relacionar com a herança cultural, com o desenvolvimento do caráter e da cidadania; 7) elaborar uma ponte de leitura com os livros relacionados e com os Links da internet.

Na seqüência, foi realizada a leitura de fábulas: leitura de fábulas e livros de fábulas (material impresso e eletrônico), cujo objetivo era discutir sobre as condições de produção, circulação e propósito comunicativo bem como a temática da fábula. Objetivamos ainda promover a leitura oral de uma fábula (podendo ser a sugerida acima), juntamente com os alunos, ajudando-os a perceber as características que compõem esse gênero: os personagens (características dos animais e relação com características de personalidade de seres humanos), o vício ou defeito de caráter e virtude que a fábula aborda; o local (espaço) da história, a moral e a mensagem que ela traz. Intencionamos, com essa atividade, fomentar a leitura individual das outras fábulas selecionadas; provocar uma reflexão referente à leitura e à moral de cada fábula; apresentar resumidamente o que foi estudado com o gênero fábula, oral; clicar nos links explorando o hipertexto; produzir uma fábula em dupla, explorando ensinamentos, lições de moral e refletir sobre os modos de vida, vícios e virtudes humanas; finalizar no Laboratório de Informática uma coletânea de apresentações de fábulas com a utilização do hipertexto (podendo ser através do PowerPoint).

A atividade a seguir foi a de leitura de obras de: Leonardo da Vinci,. e como sugestão passamos os sites: <http://www.itaucultural.org.br/barroco/abertura.html> . e a leitura de obras de: Tarsila do Amaral, sugerindo os sites: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tarsila\\_do\\_Amaral](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tarsila_do_Amaral) <http://www.tarsiladoamaral.com.br/>. Em seguida, os alunos deveriam fazer uma pesquisa hipertextual das duas correntes literárias a que pertencem às obras; analisar as obras comparando espaço e tempo entre uma obra renascentista e outra modernista; produzir um texto com hipertextos de acordo com sua interpretação, observando suas características e diferenças; apresentar para a turma a leitura final realizada com imagem através de apresentação do PowerPoint).

Na seqüência, houve a leitura de contos: 'A Parasita Azul'; 'As Bodas de Luís Duarte'; 'Ernesto de Tal'; 'Aurora sem Dia'; 'Goivos e Camélias'; 'A Ela'; 'O Relógio de Ouro'; 'Ponto de Vista – da obra "[Histórias da Meia-noite](#)"' de Machado de Assis, e como sugestão passamos o site: [http://200.189.113.123/diaadia/diadia/modules/conteudo\\_literatura/conteudoliteratura.php?conteudo\\_literatura=71](http://200.189.113.123/diaadia/diadia/modules/conteudo_literatura/conteudoliteratura.php?conteudo_literatura=71) Os contos foram distribuídos entre os alunos em dupla, os quais deveriam buscar no Google ou dicionário on-line as palavras menos conhecidas, ler seu significado e fazer outras anotações. Os alunos analisaram os contos e apresentaram para a turma a leitura final através de PowerPoint.

A leitura a seguir foi de histórias em quadrinhos, retiradas dos sites <http://www.nonaarte.com.br/> <http://www.monica.com.br/comics/seriadas.htm>, cujo objetivo foram: analisar a estrutura da HQ e os recursos artográficos; buscar informações relativas à produção dos quadrinhos; identificar dados biográficos sobre o autor; realizar a leitura hipertextual de outras HQ; dramatizar e apresentar cenas de HQ; filmar e demonstrar na sala de aula e também para toda a comunidade escolar.

Outra leitura encantadora são as letras de músicas, encontradas nos sites <http://letras.terra.com.br/> <http://www.buscarletras.com.br/>, Sugerimos que os alunos observem o sentido conotativo que a letra da música possui e também o significado que determinada palavra tem dentro daquele contexto e o que ela significa fora desse contexto. As atividades a seguir devem ser executadas: analisar as letras de músicas; apresentar a leitura final com imagem e som através do PowerPoint ou através de um musical e demonstrar na sala de aula e também para toda a comunidade escolar.

Finalmente sugerimos o trabalho com a leitura do jornal virtual. Como atividade, devemos definir em conjunto com os alunos três temas a serem utilizados por eles para a criação dos textos, como, por exemplo: violência doméstica; drogas; e recursos

tecnológicos na educação. Deve ser feita a divisão em três grupos de cinco pessoas e o sorteio com o tema pertencente a cada equipe. Cada equipe, por sua vez, deve pesquisar através de livros, jornais, revistas e da própria internet para a elaboração dos conteúdos do jornal. À medida que as equipes forem terminando suas “matérias jornalísticas”, devem inseri-las no blog ou página da internet e nos chats. As novas notícias devem ser publicadas e automaticamente a mais recente sempre ficará no topo da página. Os alunos inserem no final de cada notícia o nome de cada membro da equipe e as fontes utilizadas como base da pesquisa. Cada notícia é comentada por quem ler, assim os alunos recebem sugestões, elogios e críticas sobre seus trabalhos. Cada aluno também insere novas matérias em sua própria casa, com isso ele lê mais, pesquisa mais, e a apresentação e a atualização do jornal é permanente e disponível para os demais internautas.

### **Implementação na escola**

A aplicação da proposta de implementação pedagógica ocorreu no Colégio Estadual Marco Antonio Pimenta em Maringá, PR, no primeiro semestre de 2008, sendo desenvolvida com alunos do Ensino Médio. Nossa proposta fez parte das atividades de formação e integração em rede – Grupo de Trabalho em Rede, previstas no PDE, que possibilitaram a integração do Professor PDE com os professores da rede pública de ensino por meio de encontros virtuais, para discutir a temática e estabelecer relações teórico-práticas na Língua Portuguesa, visando ao enriquecimento didático-pedagógico mediante leituras, reflexões, troca de idéias e experiências.

Na sala de aula, os alunos do Ensino Médio receberam informações preliminares a respeito do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Discutimos com eles o tema de estudo da implementação “Novas tecnologias: leitura e hipertexto no ciberespaço” e o motivo deles serem selecionados para desenvolverem as atividades da referida proposta no Laboratório de Informática. Ressaltamos que são apenas doze computadores nessa escola (pelo porte que a mesma possui) e por isso os alunos utilizariam os computadores em dupla ou em trio. Orientamos que os computadores deveriam ser usados com total responsabilidade, por serem equipamentos de alto custo; até mesmo o básico desde o ligar na tomada, retirar e guardar as capas, usuário, senha, salvar a atividade, antes do término da aula, sair do programa, desligar, recolocar as capas e retornarem para a sala de aula.

Esclarecemos que os recursos tecnológicos somam à Educação, no entanto, a estrutura na rede estadual de ensino ainda é precária; a escola supracitada não possui

um técnico de laboratório de informática (embora previsto e solicitado nos recursos e orçamento do Plano de Trabalho), sobrecarregando assim a professora, que precisa de tempo hábil para preparar o Laboratório de Informática, subsidiar tecnicamente e acompanhar os alunos.

Na primeira aula no Laboratório de Informática, fizemos uma apresentação das plataformas operacionais mais utilizadas, como o Windows e o Linux, com ênfase no Linux, que é o disponibilizado pela SEED, demonstração do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE e da Proposta de Implementação na Escola, seguida de explanação relativa aos gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital e presentes na Seqüência Didática para serem desenvolvidos nas aulas no Laboratório de Informática desde o email, os navegadores de internet, o uso de antivírus, a infra-estrutura da internet e principalmente através das novas tecnologias: leitura e hipertexto no ciberespaço.

Procuramos formar a conscientização em todos os alunos da maneira correta de utilizar as páginas de buscas, o risco de arquivos infectados por vírus, os perigos existentes em páginas não confiáveis, entre outros pontos que deixam os usuários vulneráveis aos conteúdos impróprios da rede mundial de computadores; esclarecer sobre o motivo de sites não-autorizados pela SEED, a importância do contrato de cessão de direitos autorais (ilustração / fotografia / filme / painel / pintura / obra / discurso / palestra / melodia / outros arquivos de áudio), bem como a precaução que o usuário precisa ter em relação aos pontos fortes e os fracos que a internet e todo o ambiente web podem oferecer ao usuário.

Ressaltamos que foi um momento ímpar a chegada dos alunos ao Laboratório de Informática. Todos, com bastante entusiasmo, demonstraram curiosidade e boa participação. A maioria fez crítica pela lentidão dos programas, eles clicavam e queriam que imediatamente algo aparecesse na tela, após orientações foram solidários. Apenas um aluno do primeiro ano e um do segundo tiveram atitudes impróprias: eles navegavam por sites e comunidades ou outros conteúdos sem propósito educacional: Orkut, MSN e demais sites com conteúdo pornográfico, violento, preconceituoso, terrorista, aberrações, imagens e filmes de execuções, acidentes, estupros e suicídios, e ao serem advertidos foram hostis, solicitando tempo livre para navegarem, à vontade. Todavia os demais alunos acompanhavam a metodologia da professora, demonstrando ética e compromisso. Destacamos o depoimento de um aluno: “Graças à professora Laura, começamos a utilizar a sala de informática, ela nos incentiva à leitura, pesquisas através da internet, wikipedia, google, you tube... hipertexto dentro da leitura, vídeos de ensino” C.W.C. 2EM

No intuito de facilitarmos o desenvolvimento das atividades e a apreciação por parte do aluno, desenvolvemos uma planilha de avaliação contínua com pastas para cada aluno. Assim, após a leitura da atividade, concomitantemente às sucessivas leituras, o aluno registrava na referida planilha seu desenvolvimento passo a passo.

Já a experiência com os alunos do terceiro ano foi mais produtiva. Eles demonstraram mais maturidade quanto à interatividade, socialização, compromisso e seriedade com a proposta apresentada pelo fato de serem concluintes do Ensino Médio, pré-vestibulandos e em busca de uma oportunidade no mercado de trabalho. É o que podemos depreender do depoimento: “Com as novas tecnologias aplicadas ao ensino podemos nos entrosar mais no conteúdo que estudamos e compreender muitas coisas que não nos são passadas e ficar por dentro do que se passa no mundo.” J.R.N.B. 3EM

E assim transcorreu aula após aula, os alunos permaneceram muito motivados, quem concluía primeiro a atividade acompanhava o colega, houve avanço nas leituras, com bastante liberdade em ampliar e interagir seus estudos; os alunos revisavam dúvidas e conseqüentemente atingiam a hiperleitura, é o que percebemos nesse depoimento: “Laboratório de Informática, nossa adorei; prova digitada, cada aluno tem sua pasta nos computadores, passei a ver a leitura de outro modo” A.A. 2EM

A aula no Laboratório de Informática nos surpreendia! Simplesmente os alunos não queriam sair, atrasando a outra turma ou até mesmo na última aula para irem para casa. Alunos do Ensino Fundamental, não contemplados neste plano solicitavam aulas no Laboratório de Informática, foi muito gratificante ver o interesse dos alunos pelos recursos tecnológicos. Tudo parecia muito normal, até que alguns alunos ultrapassaram as orientações, conectaram sites não-educativos, tentando abrir pastas de outros professores embora fechadas para eles, abriram avaliações de outros colegas da sala e alteraram as respostas com libertinagem e vandalismo, deletaram arquivos não permitidos e os excluíram até da lixeira, clicaram em comandos não autorizados, entre outros atos, gerando trabalho para a professora e a escola. Diante desse fato, comunicamos o ocorrido com a direção da escola e optamos por mudar nossa estratégia, enfatizando o objetivo das novas tecnologias na escola como puramente educacional e não diversão, os alunos refletiram sobre o uso ético, moral e responsável da internet.

A partir daquele momento as atividades foram suspensas no período normal de aulas, até mesmo porque quase todas precisavam ser formatadas e recriadas. E assim, as atividades foram realizadas no período da tarde, no contraturno, apenas para os alunos disciplinados e com a finalidade de não excluir aluno, visando a estimular o prazer da leitura e o interesse pelos conteúdos apresentados; oferecendo subsídios para a

ligação desses conteúdos com a realidade vivida; estimulando o pensamento crítico e possibilitando a superação da divisão estanque das diversas áreas do saber.

Nossa experiência comprova que no exercício das novas tecnologias na web o professor, de posse de seu plano, de sua metodologia, com as ferramentas que possui e com o apoio de um suporte técnico indispensável, de uma estrutura mais adequada, tem sua prática pedagógica desenvolvida com mais êxito, por possuir maior facilidade em acompanhar os alunos no desenvolvimento de procedimentos que caracterizam um bom leitor, tais como: voltar várias vezes ao texto para localizar uma informação, intertextualizar, responder e orientar questionamentos suscitados durante a leitura.

Atualmente a realidade escolar no ensino-aprendizagem da sala de aula tradicional está conflituosa, os alunos em sua maioria são apáticos, dispersos, indisciplinados e agressivos, o que possibilita aumentar a intolerância por parte do educando e do educador. Realmente o ensino tradicional, em que o professor explica e o aluno anota, perde espaço diante dos recursos da comunicação digital. Por isso a atuação do professor precisa ser de forma desafiadora, criativa, inovadora e motivacional, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem como um todo, conforme as circunstâncias complexas do mundo contemporâneo.

Mesmo que em caráter experimental o professor deve pôr em prática novas técnicas e utilizar de forma profunda os recursos das novas tecnologias da comunicação para desenvolver o aprendizado de qualquer tipo de aluno, desde o mais tímido e disperso até o mais hiperativo, integrando todos e tornando o estudo um compromisso prazeroso, além de caracterizar uma renovação em suas práticas de ensino. Por exemplo, a metodologia aplicada com a utilização do hipertexto na leitura interativa capacitou o aluno a utilizar a leitura para sociointeragir e, assim, enfrentar os desafios da vida em sociedade e de fazer uso do conhecimento adquirido para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida. Certamente o ensino-aprendizagem vai acontecer, professor e aluno serão beneficiados, enfim ganha a Educação.

Entretanto, até que isso se concretize cabe a cada professor se preparar, tirar os empecilhos, enfrentar os obstáculos que surgem e conquistar a vitória tão sonhada de nossa Educação. Segue outro depoimento, bastante ilustrativo acerca do trabalho com o hipertexto: “Com hipertexto é fácil entender um tema e facilita aprofundar em diversos assuntos. É muito interessante clicar um link e descobrir o que precisa é mais rápido que passar uma tarde na biblioteca rodeado de livros.” N.C.L. 1EM

A internet, a informática está diretamente ligada à educação, à informação, à

capacitação e à preparação do cidadão e profissional do amanhã. As novas tecnologias, também, podem ser consideradas uma ferramenta a mais para se manterem incluídos no sistema de ensino aqueles alunos que geralmente acabam sendo excluídos por serem "problemáticos", "difíceis de lidar", "fracos", "dispersos" e outras denominações semelhantes, revitalizando o processo de inclusão social que se pretende conseguir, que tanto se propaga e tão pouco se vê. É o que propõe Tedesco:

Facilitar a aprendizagem significativa de conteúdos educativos, motivar a atenção do aluno e manter seu interesse. Avaliar interativamente os estudantes, apontando seus erros de maneira imediata, para que possam refletir sobre suas respostas e tentar novamente. Oferecer meios para se pesquisar, trocar opiniões e comparar efeitos, a fim de compreender determinados conceitos. Propor desafios que exijam a aplicação de determinados conhecimentos com o objetivo de fortalecê-los (2004, p. 212)

A presença das novas tecnologias na escola abriu possibilidades de leitura de outras mídias, as quais têm um poder maior de interação com os alunos. Não somente são mais atrativas, mas também desenvolvem habilidades e competências que as ferramentas tradicionais não desenvolvem a contento, afinal quando se tem um propósito conciso com nossos objetivos e deixamos claro ao aluno o que queremos, ele desfruta mais, a interação acontece.

O avanço da evolução tecnológica propicia também a evolução de nossos processos educacionais. Embora a Educação sempre apresente propostas inovadoras, a implementação de mudanças acontece de forma mais lenta, ainda que, ao menos na aparência, seja uma instituição que se propõe a ser geradora de mudanças.

Destacamos que o uso da internet nas escolas não pode tornar-se um plano irrealizável. Fica evidente que as escolas universidades devem se preocupar em formar profissionais aptos a vivenciarem e a participarem ativamente dessa nova sociedade digital, visto que seus usuários não imaginam o mundo sem conexão, e o segmento jovem lida com muita intimidade com a tecnologia.

É o que aponta com muita propriedade Tedesco,

As faculdades e escolas [...] mantêm, basicamente, a mesma orientação e estrutura desde o último quarto do século passado, não tendo adotado as redefinições e os redesenhos que seriam necessários para abordar os desafios da sociedade de informação da informação. Quanto às NTIC, o treinamento ainda se limita, quase que exclusivamente, a uma alfabetização tecnológica e de uso elementar (2004, p. 71).

## **Resultados obtidos**

Com nossa proposta, foi-nos possível alcançar resultados significativos para uma prática pedagógica tão sonhada: a possibilidade de usufruir de recursos tecnológicos a partir de um Laboratório de Informática conectado na web, um real ambiente de aprendizagem na própria escola; onde o aluno conhece outra prática de leitura, o livro dialoga com outras mídias, isto é, há a integração das mídias som, imagem e texto, entrelaçando os conteúdos de sala de aula, permitindo ao aluno sociointeragir em um espaço de estudos, bem como a realizar pesquisas, leitura, hiperleitura, conhecimentos pessoais e ainda a reflexão compartilhada por alunos e professores.

Neste sentido, o aluno, ao navegar no ciberespaço, no ato da leitura reflete e produz sentidos acerca de suas experiências e cria e organiza os sentidos por ele atribuídos aos eventos vividos. Salientamos o mais evidente em nossa experiência: o aluno leu e releu, motivado por iniciativa própria, partilhou e produziu, além de melhorar consideravelmente seu desempenho escolar refletido em suas notas, e suas atitudes foram diferenciadas no enfrentamento das situações-problema, havendo qualidade em sua aprendizagem.

Quanto à avaliação propriamente dita, esta é contínua, e a principal finalidade desta experiência é motivar o aluno à prática da leitura, ao gosto pela leitura utilizando as novas tecnologias da informação na web, em especial o hipertexto. A cada atividade proposta surgiam desafios, situações-problema a serem resolvidas e contextualizadas com coerência, havendo também a identificação de novos conhecimentos à medida que navegávamos na leitura, atingindo a hiperleitura, além de elaboração de hipóteses, expressão do pensamento com clareza, interação e socialização com os demais alunos e professora.

A planilha de avaliação criada com pastas no próprio computador para cada aluno tem o intuito de facilitar o desenvolvimento das atividades e a apreciação por parte do aluno. Logo, após a leitura da atividade, concomitantemente às sucessivas leituras, este registrava na planilha seu gradual desenvolvimento.

E assim transcorreram as aulas, com os alunos permanecendo bastante motivados. Frisamos que os alunos avançaram consideravelmente nas leituras, e tiveram bastante liberdade em ampliar e interagir em seus estudos, revisaram dúvidas e atingiam a hiperleitura. Esse depoimento de aluna é bastante revelador: “Laboratório de Informática, nossa adorei; prova digitada, cada aluno tem sua pasta nos computadores, passei a ver a leitura de outro modo” A.A 2EM.

Logo, nossa experiência nos levou à reflexão acerca da importância de utilizar os recursos tecnológicos disponíveis em nossas escolas. Eles encaminharam nosso trabalho a uma possibilidade de melhoria na prática pedagógica individual e coletiva, compartilhado em redes, e sobretudo direcionando o trabalho, permitindo uma oportunidade significativa de aprendizagem. Por isso, esperamos contribuir com a melhoria da educação para uma nova escola da rede pública na certeza de que existem motivos para acreditar que o desenvolvimento tecnológico é um grande aliado no desenvolvimento da educação.

### **Pontos negativos que dificultam o processo ensino-aprendizagem**

Embora seja louvável o resultado alcançado por meio desta proposta, destacamos alguns pontos negativos que dificultaram o processo de ensino-aprendizagem: o Laboratório de Informática estar liberado para uso na escola com no mínimo uma estrutura básica; há escolas nas quais os computadores permanecem embalados nas caixas, se convertendo em verdadeiras tralhas obsoletas ou aguardando treinamento, capacitação, o que é um paradoxo: no interior da escola o tempo é lento demais, já na galáxia do ciberespaço é muito veloz. O professor e o aluno necessitam dessa credibilidade por parte de muitas direções de escola, pois o programa criado para a educação digital precisar tornar-se uma realidade escolar. Não é um treinamento de algumas horas que vai prover o usuário professor de conhecimentos técnicos suficientes para que possa usufruir todos os benefícios que a internet proporciona e para acompanhar seus alunos que já navegam pela internet desde que lhes colocam um computador conectado disponível, às vezes já aos três ou quatro anos de idade.

A falta de manutenção gera dificuldades que por sua vez acarretam grandes problemas, é necessário garantir o bom funcionamento dos equipamentos. Os computadores das escolas precisam de uma revisão constante para permanecerem atualizados, o que reitera o valor de um técnico com dedicação exclusiva no Laboratório de Informática para acompanhar o professor, que pode até ter algum conhecimento técnico, mas seu objetivo naquele momento é de outro conteúdo, não bastando programar cada máquina a ser utilizada para que o aluno possa usufruir as novas vantagens da tecnologia.

Outro ponto é a hostilidade dos alunos, a indisciplina faz parte do processo de ensino-aprendizagem, é um problema social, típico do ser humano e administrável. Por conseguinte na escola o aluno tem a oportunidade de se disciplinar, de se educar, de

mudar e de trilhar o caminho da cidadania. Devemos encarar a necessidade de lidar com essas situações como uma parte indesejável, porém real da vida de internauta, de nossos alunos para que haja conscientização e eles próprios possam filtrar o conteúdo educacional. Esconder não é mais possível. Porém, enquanto a conscientização não está totalmente formada, precisamos orientá-los e explicar porque em determinado momento o conteúdo não é adequado e que objetivo se quer alcançar e não idiotizá-los.

É evidente que essa responsabilidade não é somente do professor, é também dos pais, que devem expor os prós e os contras da internet aos filhos, porque às vezes até eles são vítimas de golpes e não sabem como proceder, a sociointeração traz benefícios e malefícios, por exemplo: informações pessoais, “cyberbullying” agressões virtuais, exposição de fotografias... por isso a importância de impor limites e monitorar os alunos nesse universo digital desde a mais tenra idade. É o que sugere Sayão:

Os pais de adolescentes que sabem que os filhos fazem isso precisam ensinar que não se trata de uma brincadeira, e sim de fraude – e esse é um aspecto importante na formação moral do filho, futuro cidadão. [...] A internet tem sido palco de práticas problemáticas entre adolescentes (2008, p. 16)

O computador é um recurso que deve ser incorporado à rede metodológica do professor com mais expressividade, mais concretude, não apenas como máquina em um determinado espaço, “laboratório de informática, sala de informática” e sim como mediação entre o aluno e o conhecimento sócio-interagindo-o, isto é, mediar a aprendizagem através da ação de outros recursos, sejam pela web, técnicos, professores, demais alunos... Favorece o sistema cognitivo humano e as formas de comunicação nos níveis de interatividade, na resolução de problemas e efeitos cognitivos. É uma fascinação tecnológica com um misto de aprendizagem e lazer, e para que isso ocorra é preciso mudar a cultura da instituição escolar e implantar imediatamente as novas tecnologias da informação e comunicação.

A informática configura-se como uma nova ciência na comunicação, com abrangência mundial com ganhos, perdas e danos na educação; caso não haja uma predisposição por parte do professor em seu plano de aula, a aprendizagem pode não alcançar o resultado que se espera, pode tornar uma pseudo-aprendizagem, copiando atividades prontas, burlando arquivos não-recomendáveis, assim a sandice aumenta. Estudar exige esforço e compromisso, seja através da aula tradicional, seja através de um laboratório de informática com a aplicação das novas tecnologias.

Neste sentido assinala Silva,

Nela se encontra de tudo, do “luxo” ao “lixo”. No entanto, cabe questionar o seu efetivo papel, principalmente no meio acadêmico, pois do contrário,

corre-se o risco de fazer uso das coisas secundárias e deixar de lado as essenciais (2006 p. 36).

Quanto à criatividade, a tecnologia é um meio e não um ponto de partida, ela deve ser desenvolvida em prol da criação, que trabalha com os parâmetros da tecnologia, e dependendo de sua aplicabilidade pode limitar o surgimento de novas idéias, por exemplo, o hacker, não um demente. As tecnologias mudam muito rápido, por serem efêmeras em ínfimo tempo daí a necessidade da constante busca pelo novo e da aprendizagem permanente, nenhuma tecnologia tem longevidade, o novo é recriado periodicamente, o que encanta os internautas adolescentes que sempre estão aquém, com idéias mirabolantes, enfim o futuro grandioso se faz presente, ainda é uma realidade contornável.

### **Conclusão**

Participar do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE é viver de fato a formação continuada. É quase passar pelo desenvolvimento da borboleta... a educação não está fadada ao fracasso. É viver uma experiência bem sucedida, magnífica, inovadora e transformadora na essência da educação. Retornar aos estudos acadêmicos nas IES no primeiro ano, expandir o conhecimento adquirido e associá-lo à prática pedagógica no dia-a-dia da sala de aula, finalizando com a produção didática que abordou diferentes gêneros textuais no contexto das novas tecnologias que circulam na sociedade através da utilização do hipertexto foram de fato atividades que propiciaram crescimento intelectual.

O Programa PDE possibilitou-nos usufruir dos recursos tecnológicos a partir de um Laboratório de Informática conectado na web, um real ambiente de aprendizagem na própria escola. O aluno conhece outra possibilidade de leitura, o livro dialoga com outras mídias; é a integração de algumas mídias: som, imagem e texto; entrelaçando os conteúdos de sala de aula. O aluno tem autonomia para aprender sozinho e para sociointeragir em um espaço de estudos, pesquisas, leitura, hiperleitura, conhecimentos pessoais e reflexão compartilhada por alunos e professores. Ao navegar na leitura, reflete e produz sentidos acerca de suas experiências e busca produzir e organizar os sentidos por ele dados aos eventos vividos.

A cada dia são novos recursos tecnológicos que visam a aumentar a eficiência do ensino, com possibilidades de serem incorporados a nossa metodologia. Evidentemente por serem muito velozes não nos damos conta de tamanha importância e contribuição,

em particular no conteúdo estruturante da Língua Portuguesa, discurso como prática social. Esses recursos trazem uma melhoria na prática pedagógica individual e coletiva, compartilhados em redes e sobretudo por direcionarem o trabalho, permitem uma oportunidade significativa de aprendizagem. Esperamos contribuir com a melhoria da educação da rede pública na certeza de que existem motivos para acreditarmos que o desenvolvimento tecnológico é um grande aliado ao desenvolvimento da educação para uma nova escola.

A tecnologia do hipertexto é revolucionária; quando bem elaborada, motiva o aluno na leitura, seja ela de pesquisa ou lúdica e na compreensão de textos. Baseia-se no conceito de texto modificado na sociedade atual, embora seja muito mais amplo, organiza-se nas inter-relações de texto e informações, além de ser uma aprendizagem colaborativa. Portanto, utilizá-la como ferramenta pedagógica é um mecanismo que muito acrescenta à leitura, porque ela cria relações, renova construções multidisciplinares, reinventa as noções aprendidas, tudo para atingir a plenitude do texto e a hiperleitura.

### Referências

ALMEIDA, Elizabeth B. de A. & MORAN, José Manuel (Org.). *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação à Distância*, Campinas: Autores Associados, 2003.

\_\_\_\_\_. *O que é Mídia-Educação*. Campinas: Autores Associados, 2ª Ed., 2005.

CORREIA, Ângela Álvares, & ANTONY, Geórgia, “*Educação Hipertextual: Diversidade e Interação como Materiais Didáticos*”. In: FIORENTINI, Leda Maria Rangearo & MORAES, Raquel de Almeida (orgs). *Linguagem e Interatividade na Educação à Distância*, Rio de Janeiro: DPE&A Editora, 2003.

COSCARELLI, Carla V. *A nova aula de Português*, Presença Pedagógica, Belo Horizonte, mar/abr, 1999.

FEILITZEN, Cecília Von. & CARLSSON, Ulla. (orgs). *A criança e a mídia. Imagem, Educação, Participação*. In: SUDIN, Ebba. *As crianças online - A participação das crianças na internet*, 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO. 2002.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. & Costa, Sérgio Roberto. (orgs). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*, 2ª ed. Autêntica Editora. SP, 2006.

FULGÊNCIO, Lúcia & LIBERATO, Yara. *A leitura na escola*. 2ª . ed. São Paulo: Contexto, 2001.

HEIDE, Ann. & STILBORNE, Linda. *Guia do Professor para a Internet*, Artmed Editora, Porto Alegre, 2000.

JACOBS, George M., *O Aprendizado Cooperativo na Sala de Aula*, SBS Editora, São Paulo, 2008.

LESSIG, Lawrence in: CANÔNICO, Marco Aurélio. *Criminalizar internautas é um erro*. Folha de S.Paulo. São Paulo. 03/10/2008. Ilustrada. p. E7.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. & XAVIER Antônio Carlos. (orgs.) *Hipertexto E\_ Gêneros\_Digitais*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2004.

MENEGASSI, Renilson José. (Org.). *Leitura e ensino (Formação de professores EAD)*; n° 19). 1ª ed. Maringá, PR: EDUEM, 2005.

MIGUEL, Hélio. *Vem aí a WEB 3.0*. O Estado do Paraná. Ciência &Tecnologia. 22/06/08, p. 30. PR.

OLIVEIRA, José Márcio Augusto. *Escrevendo com o computador na sala de aula*, Editora Cortez, SP, 2006.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná*. Curitiba: SEED, 2006.

RITTER, Lilian C. B. *Em busca dos produtores de sentido da leitura*. In: Menegassi, R. J. (Org.). *Leitura e Ensino*. Maringá. PR: EDUEM, 2005.

SAYÃO, Rosely. *Perfil falso no orkut*. Folha de S.Paulo. São Paulo. 07/08/2008. Suplemento: Equilíbrio. p.16. Coluna: Rosely Sayão.

SILVA, Josias Benevides. *IN:clusão digital*. Pátio Revista Pedagógica. n° 37. Ministério da Educação FNDE 2006.

TEDESCO, Juan Carlos (org.). *Educação e Novas Tecnologias: esperança ou incerteza?* São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO. 2004.

WERTHEIN, Jorge. *Leitura e Cidadania*. Folha de S.Paulo. São Paulo. 30/09/2008.

Caderno Opinião A3 Tendências Debates.